PIB INDUSTRIAL DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, UMA ANÁLISE NO PERÍODO DE 2002-2012

INDUSTRIAL GDP OF THE STATE OF MATO GROSSO DO SUL, AN ANALYSIS IN THE PERIOD 2002-2012

Rafael Gonçalves Moreno¹

Patrícia Pogliési Paz²

Bruna Maria Oliveira Benites Ferreira³

Rosele Marques Vieira⁴

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) industrial no estado de Mato Grosso do Sul, no período de 2002 a 2012. Com base em dados secundários, foi realizada uma análise da participação do PIB industrial em relação ao PIB geral. Analisando a variação entre o PIB geral e o PIB industrial nos anos de 2002 a 2012, observou-se que o setor secundário registrou uma taxa média de crescimento de 7,2%, enquanto o crescimento do PIB geral foi 5,1%. Sendo assim, o setor secundário vem ganhando participação relativa na composição do PIB, em especial, a partir de 2004 e movido pela indústria de transformação. Quanto ao comportamento do PIB industrial de MS, pode-se observar a presença de pequenos ciclos de crescimento acompanhado de períodos de estagnação. Em síntese, no período de 2002-2012 a participação do setor secundário obteve variação positiva de 5,0%.

Palavras-chave: PIB; Indústria; Desenvolvimento.

Abstract

The objective of this work is to analyze the evolution of the Gross Domestic Product (GDP) in the state of Mato Grosso do Sul, from 2002 to 2012. Based on secondary data, an analysis was made of the participation of industrial GDP in relation to general GDP. Analyzing the variation between general GDP and industrial GDP in the years 2002 to 2012, it was observed that the secondary sector recorded an average growth rate of 7.2%, while overall GDP 5.1%. Thus, the secondary sector has been gaining a relative share in the composition of GDP, especially since 2004 and driven by the manufacturing industry. In terms of the behavior of the industrial GDP of MS, one can observe the presence of small cycles of growth accompanied by periods of stagnation. In summary, in the period 2002-2012, the participation of the secondary sector registered a positive variation of 5.0%.

Key words: GDP; Industry; Development.

¹Administrador e Especialista em Gestão Pública pela UFGD. Mestrando em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos pela UEMS. E-mail: rafael_g_moreno@hotmail.com

²Geógrafa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos pela UEMS. E-mail: ppatipaz90@gmail.com

³Mestre em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos – UEMS. Docente do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. E-mail: bruna1maio@hotmail.com

⁴Doutora em Economia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos – UEMS. E-mail: rosele@uems.br

Artigo recebido em: 30 de novembro de 2017. Artigo aceito em 28 de junho de 2018.

Introdução

O estado de Mato Grosso do Sul possui localização estratégica, ao mesmo tempo está integrado ao corredor de exportação de São Paulo e Paraná. Privilegiado pela natureza, possui abundância de recursos naturais. Em função do clima e potencial hídrico, a agropecuária é a atividade de maior destaque no estado, constituindo a base da economia do estado. Evidencia-se ainda que, em áreas mais férteis predomina a agricultura, enquanto em áreas de fertilidade menor, o destaque é a pecuária.

Em relação às políticas de desenvolvimento implementadas para fortalecer a economia, destacam-se as criadas pelo governo federal. Nas décadas de 1970 e 1980 foram intensificados os investimentos objetivando desenvolver as regiões menos industrializadas, incluindo o Mato Grosso do Sul. Conjuntamente com o I e II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), criou-se a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO). Esse órgão foi criado para promover o desenvolvimento da região ou, mais especificamente, para promover a expansão da fronteira agrícola. Nos últimos anos, os investimentos estruturais vêm possibilitando a expansão da economia do estado. Entre os investimentos, é possível destacar principalmente aqueles relacionados à área energética como o Gasoduto Bolívia-Brasil, a expansão da malha rodoviária, o aumento da capacidade de armazenamento de grãos, hidrovias Paraná-Tietê e Paraguai-Paraná, a privatização da Novoeste e a implantação da ferrovia Ferronorte.

Desta forma, a modernização do setor primário permitiu ao Mato Grosso do Sul tornar-se grande produtor de matéria-prima, o que constitui-se como fator de grande importância para a agroindustrialização iniciada nos anos de 1980. Apesar da especialização na agropecuária, o setor secundário desempenha papel significativo na economia de MS, sendo o principal responsável pelo fornecimento de matéria-prima para a agroindústria. Mais especificamente, o setor industrial está direcionado para o beneficiamento de produtos advindos principalmente do setor agropecuário, tais como grãos, algodão, carnes, leite, couro, cana, mandioca e minérios. Na agroindústria de transformação, destacam-se as cadeias de frigoríficos. A expectativa é de que a industrialização do estado possa ser diversificada em breve pela maior exploração das reservas minerais encontradas em Porto Murtinho, Bodoquena e Corumbá.

Algumas literaturas sobre o crescimento econômico sugerem a existência de

efeitos favoráveis que o setor industrial e sua participação relativa na economia podem exercer em termos da dinâmica de crescimento nas diversas economias quando comparado aos demais setores (agricultura e serviços), sendo que tais efeitos estão associados a questões como maior dinâmica de incorporação dos avanços tecnológicos e inovações, ganhos de produtividade, maior remuneração dos fatores de produção (capital e trabalho), efeitos de transbordamento (*spillovers*), dentre outros (VIEIRA; AVELLAR; VERÍSSIMO, 2014).

Seguindo esse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a evolução do PIB industrial no estado de Mato Grosso do Sul, no período compreendido de 2002 a 2012. O artigo está dividido em cinco partes, incluindo esta introdução. A segunda parte, apresenta a fundamentação teórica do trabalho, a terceira parte, refere-se a metodologia utilizada, na quarta parte são apresentados os principais resultados e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-ECONÔMICA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

O Estado de Mato Grosso do Sul foi constituído a partir do desmembramento do Sul do antigo Mato Grosso no ano de 1977, que se consolidou como fronteira agrícola a partir da produção de matérias-primas e alimentos para exportação.

O desenvolvimento econômico da região sul de Mato Grosso era o principal motivo para a pressão dos sulistas, para o desmembramento do Mato Grosso. Além do desenvolvimento econômico, ocorria o crescimento do conjunto de cidades existentes na região, como Campo Grande, Dourados, Corumbá, Três Lagoas, Ponta Porã e Aquidauana, principalmente devido ao vínculo com a economia paulista, cujos intercâmbios permitiam o desenvolvimento comercial e da agropecuária da região (PAVÃO, 2005, p.165).

O estado de Mato Grosso do Sul possui localização estratégica, ao mesmo tempo está integrado ao corredor de exportação de São Paulo e Paraná. Privilegiado pela natureza possui abundância de recursos naturais, em função do clima e potencial hídrico a agropecuária é a atividade de maior destaque no estado. Essa atividade constitui a base da economia do estado, evidencia-se, ainda, que em áreas mais férteis predomina a agricultura, enquanto em áreas de fertilidade menor o destaque é a pecuária.

A organização político-administrativa do Estado é constituída pela existência

de 79 municípios, divididos em 11 microrregiões conforme IBGE (Alto Taquari, Aquidauana, Baixo Pantanal, Bodoquena, Campo Grande, Cassilândia, Dourados, Iguatemi, Nova Andradina, Paranaíba e Três Lagoas).

A partir do planejamento regional, que visa reduzir disparidades entre as regiões e principalmente criar oportunidades de desenvolvimento dos municípios, o Estado de Mato Grosso do Sul está dividido em nove regiões de planejamento (Figura 1).

Figura 1 – Regiões de planejamento do Estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte: SEMADE/MS 2015.

A região de Campo Grande inclui no total 10 municípios, que são: Bandeirantes, Campo Grande, Corguinho, Dois Irmãos do Buriti, Jaraguari, Nova Alvorada do Sul, Ribas do Rio Pardo, Rochedo, Sidrolândia e Terenos. A região detém o maior contingente populacional do Estado e tem como principal polo econômico o município de Campo Grande, maior centro industrial, comercial e de serviços do Estado. A região caracteriza-se por apresentar expansão do setor industrial principalmente nos setores de alimentos, confecções, álcool combustível e metal-mecânico, com destaque para Sidrolândia, Nova Alvorada do Sul e Campo Grande. A região também apresenta produção agrícola e pecuária significativa.

A região da Grande Dourados abrange ao todo 11 municípios, Caarapó, Deodápolis, Douradina, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Itaporã, Jateí, Maracaju, Rio Brillante e Vicentina. A região é caracterizada pelo crescimento econômico fundamentado na exploração de grandes lavouras e pecuária. De acordo com dados da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico -

SEMADE (2015), a região produziu aproximadamente cinco milhões de toneladas de grãos, representando 36,4% da produção do estado em 2015. Também apresenta grande representatividade no setor sucroalcooleiro, das vinte e cinco unidades industriais desse segmento em operação no estado, oito estão localizadas nessa região.

A região do Bolsão compreende 11 municípios, Água Clara, Aparecida do Taboado, Brasilândia, Cassilândia, Chapadão do Sul, Inocência, Paraíso das Águas, Paranaíba, Santa Rita do Pardo, Selvíria e Três Lagoas. Essa região desenvolveu-se dentro das características agropastoris, contudo, nos últimos anos vem diversificando sua economia com a expansão da indústria, em que se destacam Aparecida do Taboado e Três Lagoas.

A região do Cone-Sul inclui 7 municípios, Eldorado, Iguatemi, Itaquiraí, Japorã, Juti, Mundo Novo e Naviraí. A formação econômica da região fundamentou-se na produção agropecuária, sendo o município de Naviraí o maior polo econômico e de liderança urbana da região.

A região do Pantanal abrange apenas 5 municípios, são eles: Anastácio, Aquidauana, Corumbá, Ladário e Miranda. A pecuária extensiva foi a principal responsável pela ocupação da região, contudo, mais recentemente, outras atividades econômicas têm sido desenvolvidas, entre elas o turismo ecológico de pesca e rural, a mineração e o comércio de fronteira (Corumbá-Porto Suarez). A indústria está representada na região através da mineração, de minério de ferro e manganês em Corumbá e Ladário, indústria siderúrgica em Corumbá e Aquidauana e indústria frigorífica em Aquidauana.

A região Leste por sua vez inclui 8 dos municípios sul-mato-grossense, Anaurilândia, Angélica, Bataguassu, Batayporã, Ivinhema, Nova Andradina, Novo Horizonte do Sul e Taquarussu. É uma região de grande potencial agropecuário, quando a indústria a região possui estabelecimentos voltados para a atividade de esmagamento de soja, açúcar e álcool, frigoríficos, laticínios, curtumes, fecularia e confecções, estabelecidos principalmente nos polos de Nova Andradina, Bataguassu e Ivinhema.

A região Norte compreende 10 municípios, sendo eles: Alcinoópolis, Camapuã, Costa Rica, Coxim, Figueirão, Pedro Gomes, Rio Negro, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste e Sonora. Essa região tem como principal atividade econômica a agropecuária, sendo mais expressiva a produção de soja, milho e algodão. A indústria aparece em alguns municípios, Sonora e Costa Rica que se destacam pelo setor

sucroalcooleiro e Rio Verde de Mato Grosso pela indústria frigorífica, laticínios, cerâmica e ração animal.

A região Sudoeste inclui oito municípios, Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Caracol, Guia Lopes da Laguna, Jardim, Nioaque e Porto Murtinho. Por possuir parte do Pantanal e exuberância de recursos naturais a região caracteriza-se por possuir atrativos turísticos de reconhecimento internacional, destacam-se o ecoturismo e o turismo de pesca principalmente nos municípios de Porto Murtinho, Jardim e Bonito.

A região Sul-Fronteira compreende 9 municípios, Amambai, Antônio João, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Laguna Carapã, Paranhos, Ponta Porã, Sete Quedas e Tacuru. Essa região possui forte influência da fronteira com o Paraguai, sendo Ponta Porã a cidade de maior expressão econômica da região, com destaque para a produção de grãos e pecuária, sendo a indústria de pouca expressão, representando apenas 12,2% do PIB da região segundo dados da SEMADE (2015).

O Mato Grosso do Sul obteve uma série de incentivos que proporcionaram, entre outras, a melhoria na infraestrutura através de programas específicos como Prodegran (Programa de Desenvolvimento da Grande Dourados), Polocentro (Programa de Desenvolvimento das áreas do Cerrado) e Prodepan (Programa de Desenvolvimento do Pantanal), que foram os programas que mais colaboraram para o crescimento e desenvolvimento da agricultura e pecuária no Mato Grosso do Sul e Centro-Oeste. Mais especificamente, segundo Pavão (2005) e Abreu (2001), os programas podem ser assim identificados:

a) Programa de Desenvolvimento da Grande Dourados (Prodegran) - lançado em Abril de 1976 com a finalidade de modernizar a agricultura e a pecuária na região de Dourados (abrangia vinte e dois municípios). Na justificativa da Sudeco, essa era uma área altamente produtiva que se encontrava sob influência direta do estado de São Paulo. Vislumbrava-se, pois, a ampliação da agropecuária, objetivando a exportação em consonância com os objetivos do II PND.

b) Programa de Desenvolvimento do Pantanal (Prodepan) - desenvolvido pela Sudeco no período de 1974 a 1978 com o objetivo de expandir estradas, pontes, armazéns e frigoríficos, entre outros.

c) Programa de Desenvolvimento do Cerrado (Polocentro) - criado em 1975, abrangia inicialmente quatro áreas selecionadas: Campo Grande/Três Lagoas; Bodoquena; e Xavantina e Parecis. No último trimestre de 1979, foi criada também a

área de Cuiabá-Rondonópolis. O objetivo era desenvolver áreas desocupadas através da modernização agropecuária e das atividades florestais. Não obstante, na agricultura, incentivava-se o cultivo da soja.

d) Programa Nacional do Álcool (Proálcool) - criado em 1975, foi o último programa na década de 1970 e tinha como objetivo principal a substituição do petróleo importado. O governo subsidiou a instalação das destilarias para a produção do álcool etílico nas regiões Norte e Leste de Mato Grosso do Sul.

Desta forma, a modernização do setor primário permitiu ao estado tornar-se grande produtor de matéria-prima, contribuindo para a agroindustrialização iniciada nos anos de 1980 e consolidando-se como setor que agrega valor à produção estadual, permitindo a capitalização do produtor sul-mato-grossense e aumentando as oportunidades de emprego e renda internamente.

De acordo com dados SEMADE (2015), é possível identificar cinco polos de desenvolvimento que se destacam pelo seu potencial produtivo, englobando as diferentes microrregiões, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Polos de Desenvolvimento.

Fonte: SEMADE/MS 2015.

Um dos polos é o Minero-Siderúrgico, que compreende as microrregiões de Bodoquena e Baixo Pantanal. Na região de Corumbá existe agroindústria frigorífica e laticínios, indústria minero-siderúrgica, cimento e calcário, de turismo ecológico e de pesca e indústria de refrigerantes. No setor sudoeste, a característica é a agroindústria frigorífica e laticínios, indústria de calcário dolomítico, de turismo, pesca, extração de

rochas ornamentais, indústria de cerâmica e indústria de artefatos de cimento.

Outro polo de destaque é o polo de Campo Grande, situado na microrregião de mesmo nome apresenta agroindústria frigorífica e láctea, indústria de alimentos, têxtil e confecções, metalúrgica, de material plástico, curtume, moagem de soja (farelo e óleo refinado), beneficiadora de arroz, gráfica, bens de capital, bebidas e refrigerantes, compensados e chapas de madeira, turismo de eventos, ração animal, sementes de pastagens e cereais, embalagens e indústria de café.

O polo Sul, que compreende as microrregiões de Iguatemi, Campo Grande, Dourados e Nova Andradina. É caracterizado pela presença de agroindústria frigorífica e láctea, indústria de alimentos, têxtil e confecções, curtumes, moagem de soja (farelo e óleo bruto), bebidas, ração animal, sementes de pastagens e cereais, erva-mate, fiação de algodão, açúcar e álcool, beneficiamento de trigo, gráfica, indústria de pescado e indústria de biodiesel.

Nas microrregiões de Três Lagoas e de Paranaíba existe o polo do Bolsão, se caracteriza pela presença da agroindústria frigorífica e laticínios, indústria de alimentos, têxtil e confecções, curtumes, moagem de soja (farelo e óleo bruto), embalagem, indústria de açúcar e álcool, beneficiamento de algodão, gráfica, indústria de pescado, derivados de plástico, metalúrgica e siderúrgica (ferro-gusa e alumínio), indústria de madeira, turismo, indústria de calçados, indústria do café e indústria do papel e celulose.

O polo Norte, que compreende a microrregiões de Cassilândia e Alto Taquari, é caracterizado pela agroindústria frigorífica e laticínios, indústria de cerâmica, indústria de alimento, beneficiadora de algodão, indústria metalúrgica, indústria de açúcar e álcool.

Apesar da especialização na agropecuária, o setor secundário desempenha um papel significativo na economia de MS, sendo o principal responsável pelo fornecimento de matéria-prima para a agroindústria. Mais especificamente, o setor industrial está direcionado para o beneficiamento de produtos advindos principalmente do setor agropecuário como grãos, algodão, carnes, leite, couro, cana, mandioca e minérios. Na agroindústria de transformação, destacam-se as cadeias de frigoríficos. A expectativa é de que a industrialização do estado possa ser diversificada em breve pela maior exploração das reservas minerais encontradas em Porto Murtinho, Bodoquena e Corumbá.

O setor industrial, apesar de ter parte do resultado atrelado ao setor primário (agroindústria), apresentou comportamento um pouco mais estável no processo de desenvolvimento econômico do estado. Atingiu taxas de crescimento acima de 10%, em 1986 e 1993; nos anos de 1990, 1992 e 1998 apresentou crescimento negativo. Estes resultados foram causados pela política econômica (1990), que causou pequeno impacto na indústria local, enquanto que nos outros anos apresentou queda maior que a do setor no Brasil. Desde 1998, o setor apresenta um consistente crescimento, indicando a maior importância que o setor vem ganhando na economia local. (PAVÃO, 2005, p.199).

O diagnóstico realizado pela SEMADE no ano de 2015 indica que a atividade industrial ainda se encontra em fase de expansão e consolidação na economia do estado. Isto pode ser observado principalmente quando se compara a participação da indústria de transformação na composição do Produto Interno Bruto-PIB/MS – por ser este segmento voltado para o beneficiamento da produção primária, que vem da cadeia dos complexos de grãos, carnes, leite e demais produtos agropecuários e derivados, além do complexo mineral localizado principalmente em Corumbá.

Nos últimos anos, outro fator que desempenha papel crucial para a indústria é o setor sucroalcooleiro, que está cada vez mais presente na economia MS. Nesse contexto, criou-se uma estratégia para promover a atração das usinas sucroalcooleiras, por meio principalmente de incentivos fiscais, como a isenção ou descontos nas alíquotas de impostos, entre outros benefícios. Além disso, deve-se destacar que o MS apresenta condições favoráveis à produção de cana-de-açúcar com disponibilidade de terras a preços competitivos, solos apropriados, localização estratégica e proximidade a grandes centros consumidores. Atualmente segundo dados do estudo da dimensão territorial de MS realizado pela SEMADE em 2015, o estado conta com 25 unidades industriais do setor sucroalcooleiro em operação.

3 INDÚSTRIA COMO INDUTOR DE DESENVOLVIMENTO

A industrialização e seus possíveis benefícios estão presentes em muitas obras, inclusive intimamente relacionadas com teorias de desenvolvimento econômico e regional, ressaltando seu importante papel tanto no aspecto de macro planejamento quanto aplicada a escala local. A relevância da indústria e suas implicações aparecem também nas teorias locais de Christaller, Lösch, Weber, e Isard, principalmente no

que se refere a entender o mecanismo de aglomeração e localização industrial e suas subseqüentes consequências.

Essa mesma importância aparece também na teoria de Walt W. Rostow, e suas cinco etapas para o desenvolvimento. Para este autor, sem a industrialização não seria possível o arranco para o desenvolvimento. Está presente de forma semelhante no *Big Push* de Rosenstein-Rodan e também no ponto de equilíbrio de Lewis, que prevê a realocação de mão de obra subempregada do setor tradicional para o setor industrial, se tornando uma alternativa que possibilitaria aos países subdesenvolvidos atingirem o desenvolvimento.

A partir da aglomeração de indústria envolvidas em atividades semelhantes, Alfred Marshall, teorizava sobre a possibilidade de obtenção de um conjunto de vantagens, processo denominado de economias externas marshallianas, presente em teorias posteriores de aglomeração industrial.

O economista alemão Albert Hirschman retrata a indústria em sua teoria do encadeamento para trás e para frente (*backward and forward linkages*), sobre o encadeamento de Hirschmann, Bianchi (2007, p.134) ressalta que:

[...] encadeamentos para trás correspondiam a enviar estímulos para setores que forneciam os insumos requeridos por uma atividade qualquer, enquanto encadeamentos para frente induziam o estabelecimento de novas atividades que utilizavam o produto da atividade proposta. A principal fonte de desenvolvimento seria dada por atividades com alto potencial de gerar encadeamentos, principalmente encadeamentos para trás [...].

Nesse sentido, a industrialização de setores estratégicos é capaz de produzir um impulso dinâmico significativo para o desenvolvimento da economia, pois a indústria líder causa de forma simultânea efeitos para frente e para trás, denominado por Hirschman como efeitos tenazes. “A existência da indústria A contribui para encorajar a instalação da indústria B; esta, por seu turno, incita o aumento da capacidade de produção de A” (HIRSCHMAN, 1974, p. 138). Conforme Souza (2009), quando as empresas investem e expandem sua produção, ocorre uma difusão intersetorial do encadeamento vertical e horizontal e seus efeitos, ocasionando a polarização técnica. A importância desses efeitos depende da dimensão dos índices de encadeamento e do próprio tamanho das empresas e do polo, à medida que o polo não é capaz de reter os efeitos, eles vazarão para outras áreas.

A temática industrial também está presente no conceito de polos de

crescimento e na importância da indústria motriz, nas teorias do economista francês François Perroux,

O polo industrial complexo, geograficamente aglomerado, modifica o seu meio geográfico imediato e, se for poderosos, a estrutura inteira da economia nacional em que estiver situado. Como centro de acumulação e de aglomeração de recursos humanos e de capitais fixos e fixados, dá origem a outros centros de acumulação e aglomeração de meios humanos e de capitais fixos e fixados. (PERROUX, 1997, p.154).

No que tange a indústria na esfera local, deve-se destacar também o conceito de clusters industriais de Schmitz e Nadvi, e de distrito industrial de Pyke, Becattini e Sengenber, para os quais através da interação e concentração de indústrias especializadas em certas localidades, envolvidas em diferentes níveis, seria possível que pequenas indústrias obtivessem vantagens.

Analisando a influência da indústria, Brandão (2015, p.94), ressalta que:

O processo de industrialização expande e aprofunda não apenas a divisão técnica do trabalho, mas também a divisão social do trabalho em uma sociedade em evolução complexa, em que novas conexões e interdependências vão se estruturando, não apenas entre os elos tecnoeconômicos de seu aparelho produtivo, como também entre os seus agentes cruciais de decisão, com seus encadeamentos de ação transformadora que constroem peculiarmente, em cada país, suas próprias vias, trajetórias e estilos de desenvolvimento (BRANDÃO, 2015, p. 94).

A dinâmica industrial é complexa, possibilita e exige para o seu estabelecimento e desenvolvimento uma complexa rede de interligações que são capazes de promover vantagens nas localidades em que se encontram as indústrias. Devido ao seu caráter inovador e de busca constante pela excelência, através da produtividade faz-se necessário o estabelecimento de uma vasta rede de suprimentos, entre eles a formação qualificada de trabalhadores, e para que existam todos esses elementos é necessária uma transformação estrutural de um determinado local para atender essas demandas do desenvolvimento industrial.

Sobre o aspecto estrutural, há aqui a necessidade de ressaltar também os autores latino americanos e o pensamento CEPAL. As teorias cepalinas buscavam compreender o atraso dos países latino-americanos e indicar formas de superá-los. Entre seus colaboradores principais constam Raúl Prebisch, Celso Furtado, Maria da Conceição Tavares, Fernando Henrique Cardoso e outros. O pensamento cepalino indica a industrialização com alternativa para romper com o subdesenvolvimento,

Daí a importância fundamental da industrialização dos novos países.

Ela não constitui um fim em si, mas é o único meio de que estes dispõem para ir captando uma parte do fruto do progresso técnico e elevando progressivamente o padrão de vida das massas (PREBISCH, 2000, p.72).

O enfoque histórico-estruturalista, legado do pensamento CEPAL, quando aplicado na análise do desenvolvimento de Mato Grosso do Sul sinaliza a necessidade de uma reflexão mais ampla, mesmo quando o objeto de análise refere-se apenas ao que tange o processo de industrialização. Torna-se fundamental compreender a formação histórica, política, econômica e social do estado sul-mato-grossense para posteriormente analisar suas características produtivas.

Sobre a trajetória histórica de uma economia, Cardoso (2012, p. 139) comenta que:

O evoluir histórico é demonstrativo da importância da consideração da dependência de trajetória, e de que a sociedade e a economia são resultados de processos cumulativos e dependentes de contextos particulares, o que remete, por sua vez, a relevância analítica das especificidades do objeto sob investigação.

Nesse sentido, a história econômica do estado indica sua forte “inclinação” agropecuária induzida por políticas como o marcha para o oeste, entre outras. Sobre esse aspecto, de forte “vocalização” agrária, Rathmann et al. (2008) destacam que a agricultura, desde a escola clássica da economia, recebe importância como fornecedora de excedentes para a acumulação de capital. Sendo o setor agrícola capaz de permitir um excedente de insumos e mão-de-obra, torna possível a acumulação em outros setores, no caso, o industrial. Sobre essa característica da indústria sul-mato-grossense Pavão (2005) comenta:

O setor industrial, apesar de ter parte do resultado atrelado ao setor primário (agroindústria), apresentou comportamento um pouco mais estável no processo de desenvolvimento econômico do estado. Atingiu taxas de crescimento acima de 10%, em 1986 e 1993; nos anos de 1990, 1992 e 1998 apresentou crescimento negativo. Estes resultados foram causados pela política econômica (1990), que causou pequeno impacto na indústria local, enquanto que nos outros anos apresentou queda maior que a do setor no Brasil. Desde 1998, o setor apresenta um consistente crescimento, indicando a maior importância que o setor vem ganhando na economia local. (PAVÃO, 2005, p.199).

Diversas teorias foram desenvolvidas em torno da indústria, seja para analisar sua formação, localização, ou consequências, contudo quando se acrescenta a essa análise uma perspectiva histórico-estruturalista é possível ampliar o alcance do seu resultado, permitindo maior compreensão. No curto e médio prazo, ao que parece, o Mato Grosso do sul deve, pelo menos em perspectiva, aprofundar seu modelo

econômico primário-exportador.

4 METODOLOGIA

Para a realização do estudo optou-se pela técnica de pesquisa bibliográfica (em livros, dissertações, teses, artigos científicos) e em sites especializados. Utilizando base em dados secundários, foi realizada uma análise descritiva da participação do PIB industrial no estado de Mato Grosso do Sul, no período de 2002 a 2012.

Os dados utilizados como referência foram as informações captadas pela SEMADE (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico).

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Durante o período de 2002-2012 o PIB de MS apresentou certa oscilação, contudo, essa mesma tendência manteve-se em relação ao PIB Brasileiro, conforme Figura3.

Figura3 – Taxas de Crescimento do PIB de MS e do Brasil.

Fonte: SEMADE/MS 2015

A Figura 3 mostra que a variação dos valores da taxa de crescimento foi maior em dois períodos, primeiramente entre 2003-2004, no qual houve uma oscilação inversa entre as duas variáveis, nesse biênio o PIB de MS oscilou negativamente, de 7,62 para -1,28, enquanto o PIB Brasileiro teve variação crescente, variando de 1,15 para 5,71. De

acordo com Vieira (2012), o período de retração no desempenho do PIB de MS no ano de 2004 se justifica pela forte redução da produção agrícola, devido à baixa quantidade de chuvas no período de formação das culturas, principalmente na região sul do estado. O segundo período de oscilação foi no ano de 2009, quando ambos apresentaram queda na taxa de crescimento. Em 2008 a taxa do PIB de MS e Brasil eram respectivamente de 6,36 e 5,17, passando no ano seguinte para 0,42 e -0,33. Em 2009, o desempenho da economia sul-mato-grossense sofreu com os reflexos da crise internacional que afetou o mercado consumidor. A redução da demanda gerou retração na produção, afetando o setor agrícola e principalmente o setor de transformação (VIEIRA, 2012).

Durante o período de análise, somente a partir de 2005 o PIB sul-mato-grossense consolidou-se e manteve-se acima do PIB nacional, atingindo o ápice de sua superioridade no ano de 2012, com 7,79 de taxa de crescimento contra apenas 1,03 do crescimento nacional. No geral, a média da taxa de crescimento do PIB de MS e Brasil foram respectivamente de 5,12% e 3,53%.

Essa mesma oscilação pode ser observada quando se analisa a relação do PIB geral e do PIB industrial em MS. A Figura 4 apresenta a variação do crescimento do PIB geral e do PIB Industrial de Mato Grosso do Sul no decorrer do período de 2002 até 2012.

Figura4 – Crescimento ao ano do PIB geral e do PIB industrial do Estado de MS

Fonte: SEMADE/MS 2015

É possível observar que no período de análise, tanto o PIB geral quanto o PIB industrial tem apresentado oscilação, apesar disso, o PIB industrial apresentou desempenho superior. Em 2004, por exemplo, o PIB geral apresentou crescimento

negativo de -1,28 enquanto no mesmo período, o PIB industrial apresentou crescimento de 5,13. A análise dos dados indicada que o PIB geral sofreu no período maiores oscilações, com grande redução em seu crescimento, em 2004 e em 2009 obteve crescimento próximo de zero. Conforme Vieira (2012), durante esse período, o desempenho ruim do PIB geral pode ser justificado pela redução nos preços da safra da soja, somados ao aparecimento de casos de febre aftosa em municípios do estado que ocasionaram diminuição do valor do produto e também a dificuldade na comercialização de produtos da pecuária.

Cabe destacar também o resultado de 2008, no qual o PIB industrial obteve crescimento muito superior ao PIB geral, o mesmo cenário positivo para o indicador da indústria se manteve durante o período e culminou com o resultado de 14,61 de crescimento em 2010, o melhor resultado do período em análise. Em síntese o PIB industrial apresenta redução de 2003 para 2004, permanece estagnado no biênio 2004-2005, seguido de uma pequena redução em 2005, voltando a crescer no biênio 2007-2008, na sequência em 2009 tem uma redução drástica, e nos três últimos anos do período volta a crescer.

No período de 2002-2012 o desempenho da indústria tem colaborado ativamente para o crescimento da economia sul-mato-grossense, mantendo uma taxa de crescimento média anual de 7,2%, enquanto o PIB geral cresceu a uma taxa de 5,1% ao ano. Apenas durante o período de 2006-2007, o PIB geral apresentou melhores resultados, respectivamente 5,16 e 3,8 e no ano seguinte 6,97 e 6,64. Cabe ainda, ressaltar que o desempenho do PIB industrial está relacionado com o PIB primário e terciário, conforme especificado posteriormente na Tabela 1.

Conforme diagnóstico realizado pela SEMADE (2015), a indústria de MS tem ampliado sua capacidade de absorção da força de trabalho, caracterizado pela ampliação de 33,4% da População Economicamente Ativa - PEA alocada nesse seguimento entre 2002-2012. Em 2002, tinha 206.567 pessoas, e em 2012, esse número alcança 275.637 pessoas conforme dados da PNAD. Os dados da intermediação de emprego do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE para o ano de 2010 mostram que a indústria admitiu 102.732 pessoas contra 94.383 demissões, gerando um saldo líquido positivo de 7.989 empregos no Estado, saldo superior ao da agropecuária e comércio, que geraram respectivamente 113 e 5.042 colocações líquidas em suas atividades.

A Tabela 1 apresenta a participação percentual dos setores de atividades no total

do PIB de MS durante o período de 2002 até 2012.

Tabela 1 – Participação (%) dos setores no total do PIB a custo de fatores - 2002-2012

ANOS	SETOR PRIMÁRIO	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	OUTRAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS (1)	SETOR TERCIÁRIO
2002	22,31	7,79	8,92	60,99
2003	24,72	8,72	6,97	59,58
2004	20,93	9,96	9,25	59,86
2005	15,45	8,52	8,72	67,31
2006	14,53	9,12	9,33	67,01
2007	15,80	8,16	8,52	67,52
2008	16,60	8,36	9,28	65,76
2009	15,53	9,02	9,46	65,99
2010	15,45	11,58	10,57	62,40
2011	14,04	11,98	10,84	63,14
2012	15,44	11,73	9,96	62,87

Fonte: SEMADE/MS 2015. (1) Inclui-se a indústria da construção civil, a indústria de utilidade pública e extrativista mineral.

Os dados apresentados na tabela 1 demonstram a composição setorial do PIB de Mato Grosso do Sul no período em análise, observando-se certa redução do setor primário em oposição ao crescimento apresentado pelo setor terciário e secundário. O setor secundário, que é o foco da análise deste trabalho, aumenta a sua participação na formação da riqueza do estado, passando de 16,71 em 2002 para 21,69% em 2012. O desempenho positivo do setor secundário está presente também na média de participação percentual no período 2002-2012. Em média, o setor primário tem representado 17,34%, o setor secundário 18,79% e o terciário 63,85% na participação do PIB de MS, a indústria de transformação sozinha representa uma média de 9,54% da participação no PIB. Esse resultado demonstra o avanço do segmento da indústria na economia de MS, e quão imprescindível é a indústria de transformação para a obtenção de tal desempenho.

De acordo com dados da CNI – Confederação Nacional da Indústria (2014), que verifica entre outras informações, a variação da participação da indústria do PIB dos estados durante o período de 2002-2012, o estado de MS obteve variação positiva de 5,0%, ocupando a quarta colocação do ranking composto pelos 27 estados, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro, Pará e Espírito Santo.

O desempenho do PIB secundário obteve bom resultado quando comparado ao

PIB geral de MS, e também quando comparado ao desempenho do mesmo setor nacional no período de 2002-2012. Em 2002, o setor secundário representava 27,05% da composição do PIB nacional, no final do período, em 2012 essa participação diminuiu para 26,02%. Já o mesmo setor de MS avançou de uma participação de 16,71% para 21,69%.

O resultado do setor secundário do MS pode ser atribuído ao bom desempenho da indústria de transformação. Os dados da Tabela 2 apontam e confirmam a potencialidade da agroindústria presente no setor de transformação, em todo o período de análise manteve-se como setor de maior participação na composição do PIB industrial, sendo que em 2012 representava pouco mais da metade do PIB industrial de MS.

Tabela 2 – Dinâmica dos setores industriais na composição do PIB/MS – 2002-2012.

SETOR DE ATIVIDADE	PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%)										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Total da Indústria	16,71	15,70	19,21	17,24	18,46	16,68	17,64	18,48	22,15	22,82	21,69
Extração Mineral	0,47	0,41	0,24	0,45	0,60	0,36	1,17	0,44	1,25	1,02	0,84
Transformação	7,79	8,72	9,96	8,52	9,12	8,16	8,36	9,02	11,58	11,98	11,73
Construção Civil	6,57	4,29	5,94	5,21	5,66	5,89	5,93	6,20	6,42	6,90	6,39
Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP	1,88	2,27	3,07	3,06	3,07	2,28	2,18	2,82	2,90	2,92	2,73

Fonte: PIB-MS/SEMADE – MS 2015

A participação relativa mostra que os setores industriais de maior participação na composição do PIB são a indústria de transformação seguida da construção civil. A indústria de transformação durante o período observado aumentou sua participação, em 2002 representava 7,79%, avançando significativa para atingir 11,73 % do PIB em 2012.

A análise da evolução do PIB industrial aponta sua importância e dependência do setor de transformação, devido a isso cabe aqui destacar a importância de produtos como a soja, carne, lácteos, açúcar e álcool entre outros.

A cadeia frigorífica do estado, com 34 unidades instaladas, sendo que 29 unidades estavam em operação em 2012, segundo o Serviço de Inspeção Federal – SIF da Superintendência Federal de Agricultura – SFA. No setor de abate de bovinos ainda se incluem 19 pequenas unidades frigoríficas que unidas somam uma capacidade para

abate de em torno de 200.000 bovinos e bubalinos ao ano, que atuam sob inspeção estadual – SIE-MS, no abastecimento do mercado interno. No abate de suínos, o estado possui 7 pequenas unidades, inspecionadas pelo IAGRO, e no setor avícola, o estado possuem 5 unidades frigoríficas que juntas possuem capacidade para abater cerca de 522.000 aves conforme dados da SEMADE.

Também compondo o setor de transformação, a indústria de lácteos atua com algo em torno de 70 unidades, entre laticínios e usinas de beneficiamento, a capacidade de processamento é de aproximadamente 190 milhões de litros de leite por ano no estado. Outro setor de destaque é a indústria de mandioca sul-mato-grossense, que é a segunda maior de amido de mandioca do país, atrás apenas do estado do Paraná. Em 2011, o estado possuía 15 indústrias de fécula e farinheiras, com produção aproximada de 88.536 de toneladas de amido de mandioca.

Um dos principais produtos da indústria de transformação é a soja, que conta com 7 unidades industriais, com capacidade de 10.790 toneladas por dia, permitindo beneficiar cerca de 2.500.000 toneladas de soja por ano, de acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais. Outro setor que nos últimos anos colaborou consideravelmente para a economia sul-mato-grossense é o sucroalcooleiro. Atualmente segundo dados do estudo da dimensão territorial de MS realizado pela SEMADE (2015), o estado conta com 25 unidades industriais do setor sucroalcooleiro em operação, conforme já destacado anteriormente.

6 CONCLUSÕES

O setor secundário possui a capacidade de produzir um impulso dinâmico para o desempenho de uma economia. Diante disto, a temática da industrialização e seus possíveis benefícios estão presentes em vasta literatura, relacionadas de forma direta com teorias de desenvolvimento econômico e regional, ressaltando seu importante papel tanto no aspecto geral quanto aplicada em escala local.

Diante do exposto, estabeleceu-se como objetivo analisar a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) industrial no estado de Mato Grosso do Sul, no período de 2002 a 2012. A análise dos resultados indica que, o setor secundário registrou para o período um taxa média de crescimento de 7,2%, enquanto o PIB geral cresceu apenas 5,1%. Sendo assim, o setor secundário vem ganhando participação relativa na

composição do PIB, em especial, a partir de 2004, e movido principalmente pela indústria de transformação.

Em termos do comportamento do PIB industrial de MS, pode-se observar a presença de pequenos ciclos de crescimentos acompanhados de períodos de estagnação. Em síntese o PIB industrial apresenta redução de sua participação de 2003 para 2004, permanece estagnado no biênio 2004-2005, seguido de uma pequena redução em 2005, voltando a crescer no biênio 2007-2008. Na sequência, em 2009 seu baixo desempenho proporciona uma redução drástica, e nos três últimos anos do período uma nova fase de prosperidade em que a economia volta a acelerar o seu ritmo de crescimento.

Embora o desempenho do setor secundário tenha apresentado bons resultados, a trajetória econômica de Mato Grosso do Sul é marcada pela sua forte inclinação agropecuária, o que inclusive indica que o desempenho do setor secundário e da economia de uma forma geral está atrelado ao setor primário, cenário esse que aparentemente parece ser a realidade a curto e médio prazo.

REFERÊNCIAS

ABREU, S. O Mato Grosso do Sul no contexto das políticas de regionais de desenvolvimento. Dourados: UFMS, 2001.

BIANCHI, A. M. Albert Hirschman na América Latina e sua trilogia sobre desenvolvimento econômico. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 2, p.131-150, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v16n2/a01v16n2.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

BRANDÃO, C. Processo de industrialização e disparidades regionais no Brasil: a necessidade do diálogo entre as políticas industriais e as políticas regionais. In: Jackson De Toni. (Org.). Dez anos de política industrial: balanço e perspectivas (2004-2014). 1 ed. Brasília: ABDI, 2015, v. 1, p. 93-110. Disponível em: <<https://goo.gl/QCjdas>> Acesso em: 25. Jun. 2017.

CARDOSO, F. G. A Armadilha do Subdesenvolvimento: Uma Discussão no Período Desenvolvimentista Brasileiro sob a Ótica da Abordagem da Complexidade. 2012. 263 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, USP, São Paulo, 2012.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA - CNI. Perfil da Indústria nos Estados. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/qvod7L>> Acesso em: 25. Jun. 2017.

HIRSCHMAN, A. O. Estratégia do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S. A., 1961.

PAVÃO, E. S. Formação, Estrutura e Dinâmica da Economia de Mato Grosso do Sul no

Contexto das Transformações da Economia Brasileira. 239 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Economia Industrial) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2005.

PERROUX, F. O conceito de polos de crescimento. In: SCHWARTZMAN, Jacques. **Economia Regional**: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1997, p. 145-156.

PREBISCH, R. O Desenvolvimento Econômico da América Latina e Alguns de seus Problemas Principais. In: BIELSHOWSKY, Ricardo (org). **Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO - SEMADE. Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento. 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO - SEMADE. Diagnóstico Socioeconômico de Mato Grosso do Sul. 205.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO - SEMADE. Produto Interno Bruto Estadual 2002-2012. 2014.

SOUZA, N. de J. de. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, F. V; AVELLAR, A. P.; VERÍSSIMO, M. P. Indústria e crescimento econômico: evidências para países desenvolvidos e em desenvolvimento. Revista de Economia Política, vol. 34, nº 3 (136), pp. 485-502, julho-setembro/2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rep/v34n3/v34n3a08.pdf> > Acesso em: 25. Jun. 2017.

VIEIRA, R. M. A Dinâmica do Mercado de Trabalho Formal no Estado de Mato Grosso do Sul-MS, no Período de 1990 a 2010: Uma Aplicação do Método Estrutural-Diferencial. 2012. 135 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia do Desenvolvimento, UFRGS, Porto Alegre, 2012.